

Em nome da Máfia do Amor

Christina Ramalho (UFS)

Elimacuxi é uma mafiosa. E sua poesia, um grito revelador capaz de transgredir os signos e pregar a palavra espontânea que confronta diretamente os gestos esvaziados do desamor. Dando voz ao “amor que campeia”, seu *Amor pra quem odeia* sabe dos paradoxos que, infelizmente, compõem o quadro caótico da vida contemporânea. Contudo, a voz lírica impressa nos poemas não se rende ao quase inevitável pessimismo que nos rodeia em tempos de amor líquido. Ao contrário, aderindo a uma máfia universal, da qual fazem parte nomes como Dom Dinis, Guillaume de Lorris, Dante Alighieri, Petrarca, Shakespeare, Camões, Fernando Pessoa, Florbela Espanca, Pablo Neruda, Drummond e Vinícius de Moraes, só para citar alguns, Elimacuxi retoma as várias facetas do amor e, por meio de um conjunto que mescla memórias, reflexões, impressões, vivências cotidianas e expectativas, expressa, liricamente, a força contida nessa temática simultaneamente universal e particular, uma vez que o amor revive em cada ser com formas e medidas peculiares.

Generosa com o leitor, a poetisa propõe sua poética em “Minha poesia”: “Minha poesia, como o núcleo de uma estrela/é puro fogo/onde queimo as bruxas/que me atordoam/e incinero os lençóis/dos fantasmas que tiram /meu sono/é de onde tiro o calor/pras minhas noites solitárias” dando destaque à chama que lhe serve de energia para o exercício de sensibilidade por meio do qual permitirá que o amor ganhe vez e voz. O poema-poética anuncia também um inventário cujo objetivo maior é fazer o amor, fogo que arde e que, em Elimacuxi, se vê, derramar-se nos sucessivos quadros que vão sendo apresentados, como prova contundente de a memória é um caminho de reafirmação do amor, se o que a move é uma filiação explícita e militante ao amor como força motriz.

Sem se importar com o fato de que “Há gente que ama muito/há gente que ama um pouco/e há gente que ama muito pouco”, a voz lírica assina em primeira pessoa seu compromisso com uma visão positiva do amor: “Eu filha/eu fruto,/admito:/acredito na fugaz/felicidade das fugas/e nas fugas/como felizes finais”, ainda que o inventário não possa deixar de, necessariamente, passar pelos percalços de que é feita toda a trajetória de Eros, Ágape e Philos em nossas vidas. E isso se vê em trechos como: “Sobre acertos e enganos/o tempo nos vigia feito um monge/há vinte anos./E a cada dia elas são/a história mais bonita/por nós escrita e reescrita/a tantas mãos”; “Odeio contratos, prefiro as dores/odeio amores de contadores/descrentes, burocráticos, organizados/amores de ligue não que eu também não ligo//amores de amigo”; “Mesmo no quinto/dos infernos/vencemos o deserto/e com modernos/sinais de fumaça/ficamos perto...”; ou “E quando me ataca/o amor de meia pataca/e me cobre com seus enfeites/eu enfim me animalizo:/nado, corro, salto/venço meus limites”, entre outros.

Inventariando o amor “à cata de um espeleógrafo/que busque detalhes secretos/recônditos escuros/que se abrigue nas fendas/em silêncio reverente/e faça das imperfeições de meu teto/interior/seu motivo de gozo e glória”, Elimacuxi extrai da própria subjetividade o fogo prometeico que revitaliza a vida através do amor e da pura doação lírica. Na “Máfia do Amor” Elimacuxi se faz “Ave Roraima”, “que canta/feito pássaro mítico”, com delicadeza, intimismo, bom gosto e sintonia plena com seu tempo.

Mafiosa do amor, Elimacuxi integra, em boa hora, outra máfia: a do verso. Que também é amor. Amor à poesia.

Aracaju, 25 de agosto de 2013.